

Leite, R. (2016). *Fiat lux, lux in tenebris, fiat lux er pereat mundus*. In M. Oliveira & S. Pinto (Eds.), *Atas do Congresso Internacional Comunicação e Luz* (pp. 238-243). Braga: CECS.

RAQUEL LEITE

foto.leiter@hotmail.com

ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO (PORTUGAL)

FIAT LUX, LUX IN TENEBRIS, FIAT LUX ET PEREAT MUNDUS

RESUMO

No nosso mundo há uma imagem que certifica e outra que ilude, há a transparência e a opacidade. Similitudes do ser e do não-ser. Da antiguidade clássica até aos dias de hoje a luz sempre foi portadora de um fenómeno de múltiplas interpretações nos mais variados contextos e tem sido um instrumento valioso na procura de saberes cada vez mais ricos.

Neste projeto a luz funciona como metáfora para os conceitos de princípio e fim, nascimento, morte e vida, visível e invisível, oculto e conhecido, entre outras dualidades que todos temos dentro de nós. É preciso estar atento aos sentidos, pois eles “apenas” mostram a aparência das coisas, é preciso vislumbrar aquilo que está por detrás das aparências e das transformações. A partir de experiências mais ou menos tautológicas, exploram-se as potencialidades da “matéria imaterial” que está inevitavelmente na base do trabalho. A ação é uma necessidade. Em todos os momentos presenteiam-se obras em processo em que o participante é também autor das obras, por influenciar, dar a sua interpretação e construir o momento do presente, num eterno fluir.

Sendo o presente ano o Ano Internacional da Luz, é de relevância aprofundar o espaço que a luz ocupa.

PALAVRAS-CHAVE

Luz; percepção; matéria; obras em processo

FIAT LUX

Partindo da estética do espacialismo de Lucio Fontana e da afirmação de Picasso em que “todo ato de criação é, antes de tudo, um ato de destruição”, o participante passará pela experiência de destruir a superfície, e, à medida que, paulatinamente, o suporte é violentado, emergem pelos pequenos rasgos raios de luz que irão fazer parte de um ambiente provocado pelo presente e pelo “já-foi” que deixou as suas marcas.

Importa reconhecer as potências de criação implicadas no ato de destruição, que é através da destruição das formas que emergem novas formas de configuração de mundos possíveis.

A interpretação opera no sentido de desbloquear, de libertar tensões e de fluir pulsões, que “haja luz” independentemente se o participante sente se vitaliza ou se destrói.

Citando Fernando Pessoa, “Não será a morte – até, talvez, fisiologicamente vista – uma espécie de nascimento – o nascimento, talvez, do que era incompleto numa forma completa ou pura?”

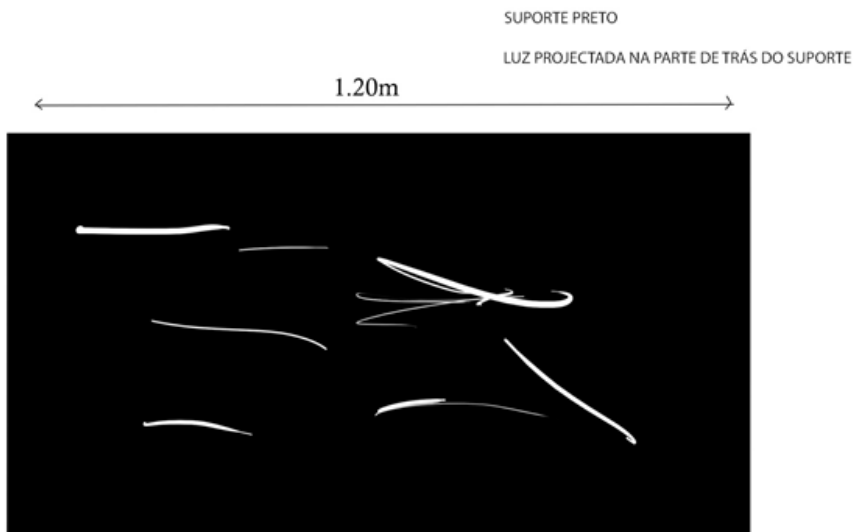


Figura 1: Desenho da exibição Fiat lux



Figura 2: Registo fotográfico da maquete Fiat lux

LUX IN TENEBRIS

A luz projeta-se na forma de um duplo – a sombra – portanto, a sombra é uma entidade que não deve ser separada do corpo. A presença do corpo assume uma forma espectral, pouco nítida quando mergulhada na água e essencialmente na sombra projetada.

A luz projeta-se na forma de um duplo – a sombra – portanto, a sombra é uma entidade que não deve ser separada do corpo. A presença do corpo assume uma forma espectral, pouco nítida quando mergulhada na água e essencialmente na sombra projetada.

Praticamente em todas as culturas, religiões e momentos históricos, a água tem sido portadora de uma série de conteúdos místicos e poéticos que vão além da sua realidade física, o que lhe confere uma gama infinita de possibilidades sensoriais, formais e expressivas.

O fluir da água sugere uma viagem, uma viagem de contínuas passagens. A viagem, num sentido metafísico está relacionada com a morte (como passagem) e no âmbito literário, muitas tragédias sucedem-se nas águas. Este elemento líquido contém a dualidade morte-vida, alegria-tristeza e funciona como poder profético, purificador e catártico.

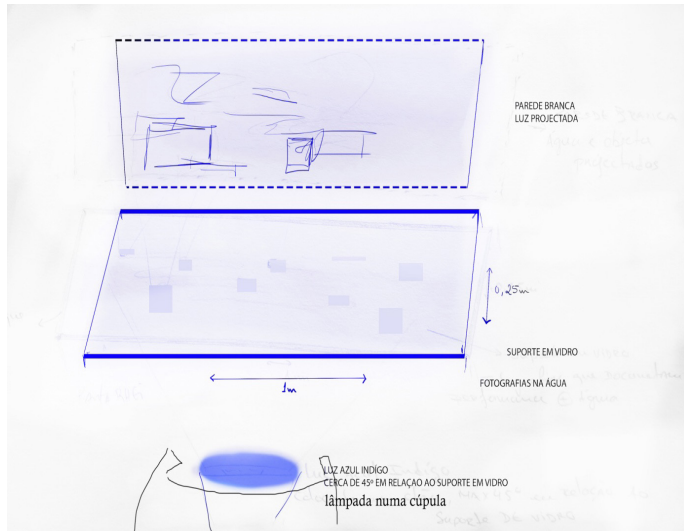


Figura 3: Desenho da exibição Lux in Tenebris

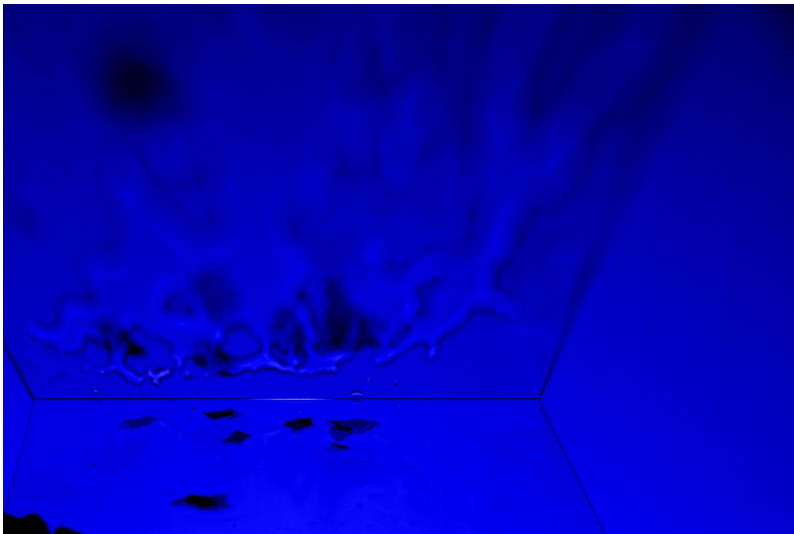


Figura 4: Registo fotográfico da maquete Lux in Tenebris

FIAT LUX ET PEREAT MUNDUS

A luz funciona também como metáfora dos nossos desejos, sonhos, crenças, enfim, tudo o que nos move, e que, por esse motivo, devem ser

levados avante independentemente de qualquer adversidade que possamos ter no nosso caminho. É um jogo de percepções entre o que se vê e quem vê porque, ao visualizar, o próprio observador torna-se no que observa.

É impossível “prender” a luz (o que nos move) pois ela transcende o material que pretende enjaulá-la (nós, sociedade, acontecimentos). Quem está de fora, acaba por se encontrar, na forma de um “outro-eu”, enjaulado devido ao reflexo do espelho. Por isso, se acharmos que o mundo está a desabar ou que devemos desistir porque as coisas correm mal, devemos chamar a nossa consciência à atenção, e focarmo-nos naquilo que nos nutre e não naquilo que nos destrói.

Na maioria das vezes somos nós próprios os responsáveis pelas barreiras que criamos nas nossas vidas, seja através de ações ou através de pensamentos. Mesmo que o Homem esteja preso (barreiras que impõe a si próprio, preconceitos, convenções ou até mesmo capitalismos), as ideias ou crenças prevalecem sempre na liberdade.

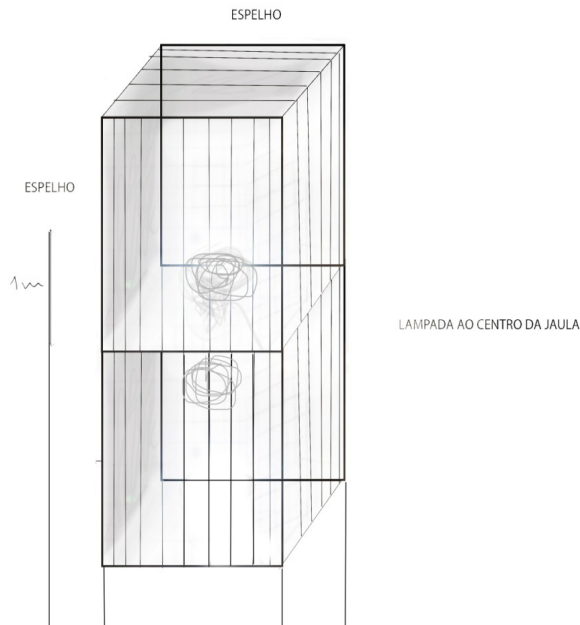


Figura 5: Desenho da exibição Fiat Lux et Pereat Mundus



Figura 6: Registo fotográfico da maquete Fiat Lux et Pereat Mundus

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Generoso, I. L. (1988). El agua: mito y materia plástica. In J. Fernández Arenas (Ed.) *Arte efímero y espacio estético* (pp.353-365). Barcelona: Editorial Anthropos.
- Pinto, S. (2015). *Para uma Semiótica da Luz: A negatividade da sombra*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Universidade do Minho, Braga, Portugal.